



IMPrensa PERIÓDICA FRANCO-AMERICANA: CONEXÕES, TRANSFERÊNCIAS E IDENTIDADE

GUIMARÃES, Valéria dos Santos¹

RESUMO: O objetivo do artigo é fornecer um panorama da publicação de impressos periódicos francófonos (jornais, revistas e almanaques) publicados nas Américas do Norte, Central e do Sul nos séculos XIX e XX, com base em resultados de pesquisas recentes. A reflexão se dá sob a perspectiva das transferências culturais entre a França e os países americanos, em diálogo com uma tradição brasileira que problematiza a complexidade dessas trocas, suas tensões e assimetrias.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa alófona; Américas; transferências culturais

PRESSE PÉRIODIQUE FRANCO-AMÉRICAINÉ : CONNEXIONS, TRANSFERTS ET IDENTITÉ

RÉSUMÉ : Le but de l'article est de fournir une vue d'ensemble de la publication des périodiques francophones (journaux, magazines et almanachs) publiés en Amérique du Nord, Centrale et du Sud aux XIX^e et XX^e siècles, selon les résultats de recherches récentes. La réflexion s'inscrit dans la perspective des transferts culturels entre la France et les pays américains, en dialogue avec une tradition brésilienne qui thématise la complexité de ces échanges, leurs tensions et leurs asymétries.

MOTS-CLÉS : presse francophone ; Amériques ; transferts culturels

Paris foi importante capital cultural no século XIX e esse fato teve implicações para a criação de um pulsante mercado editorial integrando as quatro partes do mundo. Os periódicos impressos jogaram um papel central na expansão desse mercado por vários motivos, entre eles, o fato de serem mais baratos que livros, possuírem uma linguagem ágil ao tratarem de temas cotidianos e, sobretudo, propiciarem a existência de uma dinâmica rede de informação, que se

¹ Professora do Departamento de História e dos Programas de Pós-Graduação de História (FCHS) e de Letras (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bacharel e doutora em História Social pela USP e pós-doutora em Comunicação (COS-PUCSP) e em História Cultural (CHCSC-UVSQ). Este artigo é resultado de pesquisa com apoio FAPESP e CAPES-Print. E-mail: valeria.s.guimaraes@unesp.br

acentuou com o advento do telégrafo, mas cujas bases já estavam bem constituídas no início deste mesmo século.

No esteio da chamada “viragem transnacional” é possível, assim, pensar essa imprensa como importante vetor das trocas culturais acentuadas no período dos dois últimos séculos. Nessa perspectiva, valoriza-se a ideia de fluxo e porosidade das fronteiras nacionais, ao destacar o papel da imprensa periódica do século XIX na internacionalização dos imaginários, modos de sociabilidade, matrizes editoriais, standardização de gêneros, bem como na formação de redes intelectuais que mantinham contato a despeito das restrições dos idiomas nacionais. A “civilização do jornal” (KALIFA; RÉGNIER; THÉRENTHY; VAILLANT, 2011) que se instituiu no século XIX atuou na formação de áreas culturais tais como a francófona e integrou vastas áreas do globo sob referências comuns, reconfiguradas nos respectivos espaços nacionais.

O objetivo desse artigo é fazer uma síntese de pesquisas atuais que refletem sobre a presença da imprensa periódica francófona nas Américas sob uma perspectiva que valorize os aspectos transnacionais do periodismo, em que conceitos de modelo e de influência são questionados por uma visão que enfatiza apropriações e recusas. Há uma tradição bem sedimentada no Brasil que reflete sobre estas questões tanto no âmbito da História, quanto da Literatura, e que será o ponto de partida da presente proposta, sem pretensão de esgotar o assunto e possibilidades de abordagem.

Em ensaio dedicado a pensar possíveis articulações teóricas entre antropofagia (como “procedimento cultural”), transculturação e transferências culturais na análise comparada das literaturas francesas e brasileiras, Sandra Nitrini demonstra a longa tradição de reflexão sobre tais interações nos estudos latino-americanos e as tensões decorrentes desses encontros.² O que se deve reter de sua erudita exposição é que tais abordagens têm em comum o esforço em superar teorias que julgavam a recepção como passiva ou mera cópia: “Conceitos que questionam a direção unilateral e impositiva nas relações entre culturas diferentes, sobretudo quando se trata de culturas de países e de grupos em franca dissimetria econômica e política”, (NITRINI, 2013, p. 41).

² “Tentando me integrar tardiamente nesta discussão, diria que a contribuição da transferência cultural circunscreve-se ao estudo dos intermediários culturais no comparatismo brasileiro-francês. Do mesmo modo, as contribuições dos conceitos de antropofagia e de transculturação limitam-se ao estudo do ato criador. Suas insuficiências se completam, pois umas teorias preenchem as carências das outras.” (NITRINI, 2013, p. 47).

As análises das relações entre duas culturas nacionais que a autora destaca privilegiam, assim, as “transformações do texto” no âmbito da recepção (NITRINI, 2018)³. Quanto ao conceito de transferências culturais, é compreendido por ela como aquele que, complementando os demais, pode ser operacional, especialmente para se tratar o que chama de “intermediários culturais”⁴. Ganham relevo reflexões sobre as relações culturais franco-brasileiras, campo já tradicional nos estudos da literatura comparada no Brasil a exemplo de projetos desenvolvidos desde os anos 70, caso do Léry-Assu coordenado por Leyla-Perrone Moisés (2005).

Ainda no campo do comparatismo literário e das relações e “compreensões recíprocas” entre os dois países, o trabalho de Mário Carelli é referência incontornável. Ele abre o livro justamente resgatando o conceito da antropofagia, igualmente central na concepção do Léry-Assu, para demarcar sua opção pela noção de histórias cruzadas. Com matrizes culturais oficiais lusófonas devido à colonização portuguesa, formado pelas múltiplas migrações (europeus, africanos, asiáticos, americanos), o Brasil teve com a França relações atípicas, segundo o autor, “porque não recobrem a relação colonial clássica, dado que foram os portugueses a desempenhar esse papel.” (CARELLI, 1994, p. 18). A questão da apropriação aqui também ganha o centro do debate. Carelli contribui com alguns estudos empíricos a fim de mapear o fenômeno em uma incursão fenomenológica e histórica que se desdobra na investigação hermenêutica da alteridade, partindo da descrição das representações para o estudo das interações, sobre “a apropriação do outro em relação a si mesmo” (CARELLI, 1994, p. 21).

Não se trata, portanto, de estabelecer o repertório das marcas de influência da França que prevaleceu, ao menos em alguns períodos, sobre a cultura brasileira. (...) Mas proponho-me a fixar os indícios de uma interação que, às vezes, torna-se confrontação. Momentos de recepção mais ou menos passiva não podem ser isolados dos tempos de ruptura crítica e depois de integração, portanto, de assimilação personalizada. (CARELLI, 1994, p. 21)

As propostas acima citadas ganham importância aqui porque contribuem para refletir sobre as relações com a França de um país localizado no continente americano, o que está no recorte do presente texto, e porque também se depararam com as implicações epistemológicas

³ Em artigo mais recente, Nitrini faz uma revisão bibliográfica da produção sobre literatura comparada no Brasil, com destaque para os estudos das relações franco-brasileiras destacando vários nomes, entre eles o de Gilberto Pinheiro Passos (NITRINI, 2018).

⁴ Ela parece traduzir aqui o termo *passeur culturel* e preferir “intermediário” a “mediador” cultural.

decorrentes da problemática interação entre instâncias assimétricas, sem incorrer na simplificadora ideia de cópia ou imitação das referências estrangeiras. Outros trabalhos também tentam dar conta de tais imbricações, como os trabalhos de Denis Rolland (2005), com destaque para aquele em que trata da crise do modelo francês na América Latina onde, por óbvio, as noções de identidade são centrais.

Quando se pensa no uso que se dá ao conceito de “transferências culturais” tal qual proposto por Michel Espagne (2012) em estudos mais recentes, não se pode deixar de relacionar, no recorte adotado, com essa tradição de pensamento nacional⁵. Parte-se do princípio de que no processo de internacionalização da vida intelectual as “formas identitárias podem alimentar-se de importações” (ESPAGNE, 2012, p. 21), o que o autor chamou de “uma espécie de tradução”, processo no qual há, necessariamente, “uma passagem de um código a outro”⁶ (ESPAGNE, 1999, p. 8). De maneira complementar a tal noção, Bourdier afirma que este processo não se dá sem conflitos:

A vida intelectual, como todos os outros espaços sociais, é o lugar dos nacionalismos e imperialismos, e os intelectuais, quase tanto quanto outros, transmitem preconceitos, estereótipos, ideias recebidas, representações muito básicas, que são alimentadas pelos acidentes da vida cotidiana, mal-entendidos, feridas (como as que podem ser infligidas ao narcisismo de ser desconhecido em um país estrangeiro). (BOURDIER, 2002, p. 4)

Se a noção de transferências culturais fornece um quadro mais completo e propicia ferramentas que ajudam a ultrapassar as instâncias das suspeitas noções de influência e cópia, é fato que não pode ser usada sem se levar em conta reflexões e noções que a precederam. Hans-Jürgen Lüsebrink (2014) lembra que:

Este (re)questionamento do passado a partir do presente, para o qual o historiador Fernand Braudel foi um dos primeiros a desenvolver uma estrutura teórica e metodológica, é suscetível:

⁵ E também de outros pensadores latino-americanos como o do hispano-colombiano Jesús Martín-Barbero ou o argentino Néstor García Caclini que aqui não vamos tratar pelos limites impostos a um artigo. Embora não tenham se concentrado no caso francês, suas reflexões são pioneiras do que mais recentemente se passou a chamar de pensamento decolonial, assunto para outro texto.

⁶ “une sorte de traduction” ; “un passage d’un code à un nouveau code” (ESPAGNE, 1999, p. 8.). A expressão “tradução cultural” também é usada por Peter Burke, ver BURKE, Peter & PO-CHIA HSIA, R. (orgs.), *A tradução cultural nos primórdios da Europa*, SP: Ed. Unesp, 2009.



1. de salientar, por exemplo, a dimensão intercultural, tanto conflituosa quanto dinâmica, dos processos de colonização entre o século XVI e meados do século XX;
2. de compreender os fenômenos de transferências culturais que são em geral extremamente complexos, governados por uma dialética entre adaptação/imitação, resistência e transformação, tanto de práticas (judiciais, administrativas e educacionais) quanto de formas de linguagem e gêneros de mídia. (LÜSEBRINK, 2014)⁷

E o autor ainda percorre uma longa tradição francesa de pelo menos três décadas em que se pensam as consequências da globalização no âmbito da cultura, para o que uma profusão de conceitos quis dar conta: mestiçagem, “*creolité*”, hibridação, sincretismo, barroco e ultrabarroco (referindo-se a Serge Gruzinski e Walter Moser) (LÜSEBRINK, 2014). Discussão esta, aliás, que foi atualizada na obra recém-lançada *Cultural Transfer Reconsidered - Transnational Perspectives, Translation Processes, Scandinavian and Postcolonial Challenges* (2021), organizada pelo mesmo Hans-Jürgen Lüsebrink e por Steen Bille Jørgensen, com a participação de Michel Espagne, entre outros.

Em resumo, foram essas tentativas de se definir os modos de “percepção do outro” e os modos de representação de uma outra cultura, por meio das trocas, relações, influências, recepções, o que também é bem definido no texto de Michel Espagne e Michael Werner (1988).

É papel do pesquisador, portanto, mapear essas trocas, traçar hipóteses sobre as escolhas e recusas:

Uma primeira perspectiva de análise diz respeito aos processos de seleção, ou seja, tanto de escolhas quantitativas quanto qualitativas, que as relações entre diferentes culturas – ou áreas culturais, no sentido antropológico do termo “cultura” – revelam, o que leva, para as disciplinas literárias e culturais, a questões e investigações como as seguintes: Quais setores da produção do livro e da mídia de um país, de uma cultura, são traduzidos, lidos, discutidos e apropriados em outra cultura? Quais são os pontos de fascínio e, pelo

⁷ “Ce (re-)questionnement du passé à partir du présent, dont l’historien Fernand Braudel a été un des premiers à penser le cadre théorique et méthodologique (BRAUDEL, 1969), est susceptible : de faire ressortir, par exemple, la dimension interculturelle, à la fois conflictuelle et dynamique, des processus de colonisation entre le XVI^e et le milieu du XX^e siècle ; de saisir des phénomènes de transferts culturels souvent extrêmement complexes, régis par une dialectique entre adaptation/imitation, résistance et transformation, aussi bien de pratiques (judiciaires, administratives et scolaires) que de formes langagières et de genres médiatiques.” (LÜSEBRINK, 2014)

contrário, de esquecimento e rejeição, implícita ou explícita, despertados por outra sociedade e outra cultura? (...) Até que ponto as formas de percepção estereotipada, que são uma necessidade cognitiva e muitas vezes representam fenômenos históricos de longa data enraizados em mentalidades coletivas, influenciam a seleção de informações, mas também de testemunhos, histórias, imagens, mesmo sons e gestos transferidos de outra cultura?⁸

No que se refere à imprensa periódica, o jogo político implicado por tais representações encontra campo aberto às negociações e conflitos, paradoxalmente em seu papel de importante vetor da criação das identidades nacionais e de vetor da globalização cultural desde o século XIX. O imaginário difundido pelas páginas impressas logo se torna mais um componente na reconfiguração social, com representações que são a um só tempo sintoma e resultado de tais transformações. A integração mundial nesse novo circuito da informação (GUIMARÃES, 2012) atinge também o continente americano. Pode-se mesmo falar em um espaço euro-americano (COMPAGNON, 2009) e, para o caso mais específico da imprensa francófona, de um espaço cultural francófono (PINSON, 2016).

A escrita do jornal, por sua vez, sobrepunha formas narrativas da literatura e o jornal se tornou uma grande narrativa da cidade moderna, absorvendo a fragmentação, a polifonia e a multiplicidade de eventos simultâneos. Alguns países se encontravam no epicentro dessa produção e difusão do impresso. Também por motivos econômicos foram levados a escoar o excedente para além das fronteiras, ou seja, o capitalismo editorial projetou sua rede de vendas como um negócio lucrativo e esse movimento intensificou a já significativa circulação de ideias. A produção literária de ficção foi, assim como a imprensa periódica, uma instância fundadora da identidade e repositório da língua nacional. E não raro ambas atuaram em conjunto, com a imprensa servindo como suporte privilegiado das expressões literárias e da atuação do homem

⁸ “Une première perspective d’analyse concerne les *processus de sélection*, c’est-à-dire de choix à la fois quantitatifs et qualitatifs, que donnent à voir les rapports entre cultures différentes – ou *aires culturelles*, au sens anthropologique du terme de « culture » –, ce qui mène, pour les disciplines littéraires et culturelles, à des questions et des enquêtes comme les suivantes : Quels secteurs de la production livresque et médiatique d’un pays, d’une culture, sont traduits, lus, discutés et appropriés dans une autre culture ? Quels sont les points de fascination, et, au contraire, d’oubli et de rejet, implicite ou explicite, suscités par une autre société et une autre culture ? (...) Dans quelle mesure des formes de perception stéréotypée, qui constituent une nécessité cognitive et représentent souvent des phénomènes de longue durée historique ancrés dans les mentalités collectives, influent-elles sur la sélection des informations, mais aussi des témoignages, des récits, des images, voire des sons et des gestes transférés d’une autre culture ? (LÜSEBRINK, 2014).

de letras, o escritor-jornalista. E é em diálogo com essa tradição que o presente panorama sobre a pesquisa da imprensa francófona nas Américas se insere.

A IMPRENSA FRANCÓFONA PUBLICADA NAS AMÉRICAS

Uma significativa rede de leitores de periódicos escritos em francês se constituiu e se espalhou por várias partes do mundo desde o início do século XIX⁹ até meados do século seguinte, incluindo o Brasil e demais países das Américas, territórios em que a cultura francesa teve acentuada proeminência no período. Sem dúvida, o trabalho de Diana Cooper-Richet se torna referência na análise dessa imprensa alófono. Acompanhada de Michel Rapoport, a pesquisadora dedicou anos ao estudo dos cruzamentos entre as culturas britânica e francesa, trabalho que se desdobrou de muitas maneiras, como na jornada de estudos *Les transferts culturels dans le domaine de la presse : l'exemple de la France et du Brésil* realizada em 2009 no Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, sob organização dela e de Valéria Guimarães, que teve como proposta reunir pesquisadores para pensar as trocas culturais entre França e Brasil por meio do suporte periódico (jornais, revistas e almanaques). No livro de mesmo nome publicado em 2011 (GUIMARÃES)¹⁰, autores demonstram com exemplos empíricos as imbricações entre as duas culturas, vista a importância dos periódicos para a difusão literária, com consequências para a conformação de gêneros tais como o folhetim, a crônica, o *fait divers*, a crítica entre outros. O caso da Revista *Nitheroy* (1836) parece ser emblemático: publicada em Paris por brasileiros, em português, funda o romantismo brasileiro, e é algo exemplar das relações entre periodismo, literatura, identidade nacional e imbricações resultantes das interações entre ambas as culturas (CAPARELLI, 2012, p. 31).

Com foco na circulação de mercadorias (livros e periódicos impressos) e pessoas, o livro trata de matrizes editoriais, suas adaptações e apropriações, e também lança luz às relações existentes entre os dois lados do Atlântico e à existência de redes de mediadores (os *passseurs culturels*), em suas várias expressões como homens de letras sejam eles poetas, romancistas, cronistas, tradutores mas também livreiros, impressores etc. No livro fica claro que, a despeito

⁹ Em alguns casos é possível falar de fins do século XVIII, mas o fenômeno se intensifica no século XIX.

¹⁰ *Les Transferts Culturels : l'exemple de la presse en France et au Brésil*. Paris: l'Harmattan, 2011. Versão em português: *Transferências Culturais – o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Trad. Katia Aily Franco de Camargo. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Edusp, 2012.

da abordagem que privilegia a integração desses fluxos e comprova a rapidez da circulação, os sentidos das trocas estavam submetidos às assimetrias existentes entre o Brasil (uma recente ex-colônia portuguesa) e a capital cultural do século XIX que foi Paris. Abandonar essa perspectiva seria ingênuo e ao admiti-la não se assume o uso de conceitos como “influência”. A pesquisa empírica demonstra como houve adoção de modelos que são exógenos, o que não é exclusivo do Brasil (como provam os estudos sobre transferências culturais entre França e Alemanha, por exemplo), e isso não exclui as transformações do objeto cultural no âmbito da recepção, como se refere o capítulo sobre rubricas de *faits divers* em jornais brasileiros: “É, então, mais interessante pensar na existência de uma circularidade da produção letrada do que em ‘cópias’ ou ‘influências’, onde os modelos são alterados pelo contexto no qual eles foram inseridos.” (GUIMARÃES, 2012, p. 150).

O que deve ser destacado nessa iniciativa pioneira de tomar jornais, revistas ou almanaques como fonte privilegiada para investigar as conexões culturais entre os dois países é sua contribuição para a reflexão no sentido de se pensar como essa nova poética do impresso periódico do século XIX se reconfigura pela formação de um imaginário ligado em sua forma e conteúdo ao espaço cultural francófono¹¹.

Essa primeira tentativa, todavia ainda bastante inicial, abriu espaço para a continuação da já tradicional cooperação de grupos de pesquisa nos dois países e entre seus desdobramentos esteve a formação de uma extensa rede de pesquisadores que se dedica a pensar a história da imprensa alófona sob uma perspectiva que enfatiza não apenas as relações óbvias das colônias de imigrantes com seus respectivos países de origem, mas que também passa a percebê-los como integrantes das imprensas nacionais, uma história que não poderia ignorar as interações entre duas culturas. Aliás, esta deveria se tornar a questão central. É preciso atenção aqui para foco do estudo sobre a imprensa alófona em geral: não é a circulação do suporte periódico que está em questão, mas sua publicação em terra estrangeira.

Em 2012, durante um curso sobre transferências culturais no curso de História da UNESP- Universidade Estadual Paulista, Diana Cooper-Richet lançou sua chamada mundial para a formação da rede de pesquisa TRANSFOPRESS – *Transnational network for the study*

¹¹ Tem-se ciência de que o uso de impressos periódicos como objetos de análise em si e não apenas como repositórios de fontes a serem acessadas sem muita preocupação com a natureza do suporte remete à fase anterior, já nos anos 80. Aqui, o que se quer destacar como pioneiro é o estudo de jornais, revistas, almanaques, catálogos, boletins, anais, enfim, toda a sorte de periódicos na relação entre os dois países. Embora tais materiais tenham sido usados como fontes nos trabalhos citados e muitos outros, a fim de investigar os diálogos Brasil e França, pouco ou nada foi produzido dando protagonismo à imprensa alófona tal qual o livro anuncia.

of foreign language press, em que as relações França-Brasil novamente aparecem como paradigmáticas, ainda que o projeto contemplasse a ambição de reunir investigações da imprensa alófona publicada em qualquer língua e país.

México e Brasil, primeiros países a aderirem à rede com um número significativo de componentes, logo foram seguidos por muitos outros países da Europa, Américas, Ásia e África. Não é a intenção aqui se aprofundar nas consequências desse projeto, o assunto desse artigo se restringe à participação de países americanos no espaço cultural francófono¹² tais como o Brasil. Assim, o grupo que pesquisa a imprensa franco-brasileira ganhou corpo e, paralelamente à sua participação na rede Transfopress Brasil, passou a dialogar com colegas das Américas do Norte, Central e do Sul que se dedicam à mesma problemática e recorte.¹³

Graças às pesquisas realizadas nos últimos anos, tanto na América do Norte quanto nas Américas Central e do Sul, a existência e a importância – tanto quantitativa quanto cultural – de órgãos de imprensa escritos em francês e publicados nestes dois subcontinentes são agora reconhecidas, mesmo que ainda seja muito cedo para elaborar um mapa preciso. Em alguns países onde o trabalho está mais avançado, como o Brasil, a descoberta destes meios de comunicação em língua francesa levou a novas reflexões sobre a história da imprensa nacional, sobre os modelos em que foi modelada e até mesmo sobre as fontes de inspiração para a literatura nacional. (COOPER-RICHET, 2019)¹⁴

No item seguinte, serão vistos alguns resultados dessa investigação em âmbito continental e, desde que possível, serão destacados fatores que mapeiam e documentam as imbricações culturais entre a França e países das três Américas, sempre com foco na publicação de impressos francófonos em solo americano.

¹² Para mais informações consultar os sites da rede Transfopress Internacional (<https://uvsq.academia.edu/TRANSFOPRESSNetwork>), Transfopress France (<https://transfopresschcsc.wixsite.com/transfopress>) e Transfopress Brasil (<https://transfopressbrasil.franca.unesp.br/>).

¹³ Projeto Capes-Print UNESP: “Imprensa francófona publicada nas Américas: a imprensa alófona e as identidades nacionais (PPG História FCHS-2019/2020); “Sociedades plurais, mídias, literaturas: a cidade e o corpo” (PPG Letras – IBILCE-2020/2021).

¹⁴ “Grâce aux recherches entreprises depuis quelques années, tant sur l’Amérique du Nord que sur les pays d’Amérique centrale et du sud, l’existence et l’importance – tant quantitative que culturelle – d’organes de presse rédigés en français publiés dans ces deux sous-continentes sont désormais reconnus, même s’il est encore trop tôt pour en dresser une cartographie précise. Dans certains pays où les travaux sont plus avancés, comme au Brésil, la mise au jour de ces médias francophones est à l’origine de réflexions nouvelles sur l’histoire de la presse nationale, sur les modèles sur lesquels elle s’est calquée, voire même sur les sources d’inspiration de la littérature nationale.” (COOPER-RICHET, 2019).



A AMÉRICA DE COLONIZAÇÃO INGLESA E FRANCESA

A imprensa francófona nos Estados Unidos se espalhou por várias regiões compreendidas pela região da Nova Inglaterra, mas também Nova York, Pensilvânia e outros estados mais ao sul como Louisiana, Califórnia, entre outros, conhecendo seu auge no século XIX. De acordo com Susan Pinette (2017), os franco-americanos são o segundo grupo étnico do Maine, estado cercado pelo Canadá francófono, sendo o francês o segundo idioma mais falado após o inglês. Apesar disso, consistiam em um grupo “invisível” na bibliografia especializada. A autora é coordenadora do Centre Franco-Américain da Maine University¹⁵ no seio do qual leva a cabo investigações sobre a importância dessa comunidade francófona na região. Um dos projetos consiste em digitalizar, organizar e disponibilizar a pesquisadores um extenso corpus de jornais na língua francesa publicado na América do Norte (Estados Unidos e Canadá).

Na fronteira dos Estados Unidos com o Canadá, o Maine fez parte das primeiras colônias americanas da Nova Inglaterra. Em torno da bacia formada pelos rios Kennebec-Chaudière, também conhecida como *Kennebec-Chaudière Corridor*, mantém-se uma renitente herança francesa. A região formada por Connecticut, Massachusetts, Nova Hampshire, Rhode Island, Vermont e Maine foi palco de conflitos entre colonos ingleses e franceses, tendo prevalecido a administração britânica, sem que, contudo, tivessem desaparecido completamente os traços da antiga colonização. Afinal, originalmente o Maine pertencia à colônia francesa conhecida como Acádia, parte das províncias da Nova França, e foi dominada pelos britânicos apenas em 1740, quando expulsaram os franceses e submeteram os descendentes que ali permaneceram. Os rios separavam essas comunidades até o estabelecimento definitivo da fronteira, mas a circulação na região era intensa, inclusive com o deslocamento de colonos de origem francesa antes estabelecidos no Québec e que acessaram a região partindo do Rio Saint-Laurent para chegar ao atual norte dos Estados Unidos por meio do rio Kennebec. Tanto que a denominação *French-Canadian Americans* é a mais apropriada para se distinguir esse grupo específico de outros imigrantes franceses radicados nos Estados Unidos:

De 1840 a 1930, cerca de 2,8 milhões de canadenses se mudaram e se estabeleceram nos Estados Unidos. Dois terços eram do Canadá de língua

¹⁵ Acessível em: <https://umaine.edu/francoamerican/centre/>



inglesa e o outro terço, representando 925.000, eram do Canadá francês. (TAKAI, 2013, p. 257).

Portanto, a presença francesa no Maine não se deu sem conflitos, sobretudo após o estabelecimento territorial-político britânico e da proibição de se falar francês, além de um importante fator que não se pode ignorar: a orientação religiosa católica, tema e missão de vários periódicos que se tornaram órgãos de representação, resistência e protesto de tais grupos (martel, 1997, p. 28). Enquanto as colônias do norte foram mais bem-sucedidas, no atual Quebec, aquelas que ficaram do lado estadunidense não tiveram a mesma sorte. As famílias de origem francesa, proibidas de falar no idioma em locais públicos, passaram a não usá-lo com seus filhos a fim de evitar que estes sofressem represálias. Assim, ao contrário do Canadá, em que o bilinguismo se tornou lei, nos Estados Unidos o idioma francês foi preterido oficialmente ficando relegado aos cursos escolares de idiomas, apesar da cultura francófona ter sobrevivido na região em variadas manifestações, inclusive na publicação impressa (ROSS; JAUMONT, 2013).

Foi nesse contexto que em 1972 foi fundado nas dependências da Universidade do Maine, na cidade de Orono, o Escritório de Assuntos Franco-Americanos, iniciativa mantida até os dias atuais por estudantes franco-americanos e voluntários da comunidade como um esforço de manutenção das tradições e língua francesas, em geral ensinadas apenas como língua estrangeira e com forte acento parisiense¹⁶. Posteriormente nomeado Centre Franco Américain, tem como objetivo preservar essa herança no Maine com suporte da Universidade. Seu acervo é formado por uma rica coleção de documentos raros, entre eles certidões de batismo, casamento, documentos oficiais, livros e impressos periódicos que passam, como dito acima, por amplo processo de organização e digitalização.

Essa não é uma iniciativa isolada, vários centros de estudos franco-americanos têm se espalhado pelos Estados Unidos. A depender da região, como a cosmopolita Nova York ou

¹⁶ Com novos fluxos populacionais mais recentes provenientes de regiões como do Caribe, África ou Oriente Médio, o francês passa a ser duplamente estigmatizado como língua de imigrantes ilegais. Além disso, tais grupos também falam dialetos locais, o que camufla sua francofonia, além de preferirem o uso do inglês, restringindo seus idiomas de origem e o francês ao uso doméstico. “C’est précisément cette diversité qui rend difficile à déterminer le nombre exact de francophones aux États-Unis, puisque beaucoup d’entre eux parlent également d’autres langues comme le créole haïtien, le wolof, le bambara et l’arabe, ainsi que l’anglais. Il faut également noter que certains habitants sont réticents à rendre compte de leurs langues d’origine. En 2009, l’enquête du « American Community Survey » (sous la houlette du Bureau du recensement américain) rapporte que 1.305.503 personnes aux États-Unis parlent français à la maison.” (ROSS; JAUMONT, 2013, p. 3)



aquelas mais ao sul, como a Louisiana, a presença francófona se atualiza com a adesão de novos grupos de imigrantes. Não raro o francês que ali ainda pode ser ouvido se misturam com expressões autóctones ameríndias, com o espanhol dos imigrantes mais recentes da América Central, com expressões africanas e mesmo do Oriente Médio trazidas por populações em cujos países o francês é a língua corrente. E tudo isso se miscigenando com o inglês, formando verdadeiros dialetos em que o francês tem uma participação significativa, mesmo após a proibição do ensino desse idioma nas escolas após 1921. Tal intolerância com a cultura e língua francesas só começa a ser revertida com a criação, em 1968, do Conseil pour le développement du français em Louisiane-CODOFIL (ROSS; JAUMONT, 2013, p. 6).

Foi nesse contexto que a imprensa francófona na região encontrou condições para existir desde fins do século XVIII, não sem enfrentar forte resistência. Na passagem do século XIX para o XX a produção conheceu acentuado declínio devido aos motivos acima expostos, todavia alguns títulos continuassem resistindo. Alguns foram muito longevos, caso do *Courrier des États-Unis - Organe des populations franco-américaines* (1828-1938), que era distribuído por todo continente “du Québec au Rio de la Plata”. Há também registros da existência de periódicos impressos desta época ligados a nichos bem específicos, caso do socialista *La Commune* (Nova Orleans, 1871-73) ou o comunista *La Torpille* (Nova York, 1885) (COOPER-RICHET, 2019). As especificidades locais são contempladas pelas redações, como é de se esperar, sendo a mais notável a pauta em torno da escravidão nos jornais da Louisiana, o que diferenciava esses periódicos daqueles publicados mais ao norte (PINSON, 2016, p. 101).

Essa negligência com o corpus de impressos periódicos francófonos também é notada nos estudos de Hans-Jürgen Lüsebrink sobre almanaques franco-estadunidenses. Exceções confirmam a regra, como o estudo clássico de Clifford Bissel, realizado em 1960, um vasto panorama sobre a imprensa em língua francesa publicada na Califórnia (BISSEL, 1960). Lüsebrink bem observa o movimento paradoxal que deu início à publicação desses impressos tradicionais nas colônias francesas norte-americanas: com a proibição de gráficas e editoras pelo poder real, foi somente com o domínio britânico ao norte, e com a independência de Saint-Domingues que as publicações em língua francesa se tornaram possíveis. E, como exposto acima, também ganharam contornos de resistência linguística, principalmente, mas também política.

O discurso revolucionário francês contra a monarquia servia de modelo mas era reconfigurado em consequência da operação de transferências culturais e ganhava tons anticolonialistas nos almanaques das Antilhas, no que o autor chama de “recepção produtiva”



(LÜSEBRINK, 2019, p. 6-7). Já em regiões ao norte, como a Nova Inglaterra, a produção ganha impulso com o afluxo canadense, com almanaques com relativo sucesso de público, mas não resiste ao pós I Guerra (LÜSEBRINK, 2019). As transferências culturais triangulares também são recorrentes, com almanaques franco-americanos retomando tradições tanto das publicações anglófilas, como francesas, não só pelo bilinguismo, nem sempre presente, mas em seu formato, rubricas e estilo, caso do *Almanach Franco-Américain / French American Directory* publicado em Nova York (LÜSEBRINK, 2019, p. 10).

O que se deve reter desse breve panorama sobre a existência de um espaço cultural francófono na América do Norte é que a imprensa publicada nessa língua em tais territórios se reveste de um forte sentido de resistência, o que certamente tem implicações no processo de transferências culturais. Ao contrário do que vai ocorrer no restante do continente americano, na América do Norte a cultura francesa, no geral, não ganha o status de sofisticação civilizacional e referência metropolitana com o mesmo peso que teve na América Latina, embora haja exemplos desse tipo, como a difusão de modos de sociabilidade franceses pelo *Almanach Impérial* do Haiti, deliberadamente inspirado no *Almanach Impérial* da França, e que havia sido editado sob as ordens do imperador Faustin Souloque (1849-1859), processo do qual resulta a adoção de uma “etiqueta extravagante” (LÜSEBRINK, 2019, p. 6) pela corte haitiana.

No Canadá, o caso do Quebec é o mais notável embora também pouco estudado. Destaca-se nesse panorama o trabalho de Guillaume Pinson, *La presse francophone à l'Amérique du Nord* (2016). Apesar de a imprensa francesa publicada em certas regiões do Canadá não poder ser considerada alófona, uma vez que eram parte da colônia francesa, o autor traça um quadro assaz amplo sobre publicações que compunham, nas Américas, parte importante do sistema francófono.

É também no fim do século XVIII que os primeiros títulos de jornais aparecem, ainda sob a forma de *Gazettes* (mais focados em notas comerciais e financeiras), como a pioneira *Gazette de Québec* (1764), sucedida pela *Gazette de Montréal* (1785) ou *Magasin de Québec* (1792), ambas bilíngues, a despeito do nome francês. O bilinguismo, no entanto, não sobrevive à emergência de uma imprensa de opinião que passa a representar as respectivas comunidades linguísticas francófonas e anglófonas, bem como suas aspirações políticas tais como *Quebec Mercury* (1805) que logo é contraposto pelo *Le Canadien* (1806). Tais disputas estarão no cerne do “surgimento de um debate, às vezes doloroso, muitas vezes bastante franco entre canadenses e britânicos, que o Canadá levará consigo ao longo de sua história política e cultural, e que se

materializa em gazetas monolíngues"¹⁷ (PINSON, 2016, p. 78). O *Canadien* teve uma trajetória incerta, fechando e reabrindo várias vezes, mas sua divisa “Nos institutions, notre langue et nos lois” (Nossas instituições, nossa língua e nossas leis), estampada em uma de suas reedições em 1831, dá a medida do papel que cumpria essa imprensa no jogo de afirmação identitária. Títulos que promoverão a literatura *québécois* passam a surgir dentro do modelo da *petite presse* ou dos *magasins* parisienses (e também britânicos). Ou seja, a despeito das afirmações nacionalistas, as transferências das matrizes francófonas são mantidas e, mais uma vez, como se tem observado na pesquisa empírica, elas tomam o sentido predominante da Europa para a América. Mesmo a imprensa que se expande para o oeste do país faz circular o imaginário francês, em um engajamento ativo na “colonização midiática” (PINSON, 2016, p. 89), processo que se estende para o sul, em direção aos Estados Unidos. O “nacionalismo” quebequense vai aparecer na pauta desses periódicos impressos que tiveram importante função na afirmação de comunidades francófonas vindas da Europa ou do Canadá em direção aos Estados Unidos.

Como em todo o mundo, a imprensa de informação se difunde com mais intensidade a partir do fim do século XIX, profissionaliza-se e a agenda e as temáticas mais restritas ao jogo político dão lugar a uma pauta mais variada, voltada à informação e aos novos gêneros do jornalismo moderno (crônica, folhetins, reportagem). No Canadá, os títulos francófonos, mas também anglófonos, se multiplicaram e passaram a ter tiragens expressivas, já sem o predomínio de cabeçalhos mais dedicados à defesa efusiva da nacionalidade, embora a temática perdure de parte a parte. A década de 30 do século XX marca o quase desaparecimento dessa imprensa.

A AMÉRICA HISPÂNICA

Com uma colônia francesa reduzida, o México não conheceu muitos títulos nessa língua, mas o suficiente para demonstrar o quanto as histórias entre os dois lados do Atlântico estavam conectadas também por ação de periódicos. As folhas pioneiras parecem ter sido *L'Universel* de 1837 e *Le Courrier du Mexique - Journal commercial, politique et littéraire*, de 1838, mas o mais expressivo foi, sem dúvida, o terceiro desta lista, *Le Trait d'Union* (1849-1892, quando muda de nome para *L'Écho du Mexique. Journal français de Mexico* e segue sendo publicado

¹⁷ "l'émergence d'un débat, parfois douloureux, souvent assez tranché entre Canadiens et Britanniques, que va désormais porter le Canada tout au long de son histoire politique et culturelle, et qui s'incarne dans des gazettes unilingues".

até 1896). Dirigido pelo francês René Masson, um liberal proscrito de 1848, editor, redator, dramaturgo, homem de negócios e bem relacionado na sociedade local, o *Trait d'Union* atravessou o conturbado século XIX, quando o México conheceu sucessivos conflitos envolvendo as elites locais (conservadoras e liberais), e estrangeiros espanhóis, franceses e estadunidenses (CALVO, 2013).

Com uma passagem anterior pelos Estados Unidos onde publicou o jornal *Francoamérican* até 1848, Masson é um exemplo comum na imprensa alóфона do século XIX em que a criação de um jornal é também a maneira de constituir um órgão de representação da escassa e dispersa colônia, colocando em marcha questões políticas de interesse diplomático. Sob o império de Maximiliano (1864-67), a aproximação entre os dois países ganha ainda mais estímulo a despeito da agitação republicana de Masson, o que faz do México item cada vez mais presente em suas rubricas. O afrancesamento continua em alta entre as elites mesmo durante o porfiriato e cerca de uma vintena de títulos aparece no decorrer do século, nenhum, porém, com a mesma importância e longevidade que *Le Trait d'Union*. (GÓMEZ, 2019; COOPER-RICHET, 2019)

Os casos da Argentina e Brasil guardam certa semelhança. A primeira, teve a imigração francesa mais numerosa das Américas Central e Sul, com cerca de 240 mil de franceses chegando à região rio-platense entre 1857 e 1940, enquanto o Brasil foi o segundo em termos numéricos, com cerca de 100 mil franceses vindo principalmente para centros urbanos como Rio e São Paulo entre 1850 e 1965 (MIALHE, 2009, p. 61). Ainda assim, em ambos os casos a colônia francesa foi bem menor que a italiana (sem contar a espanhola e portuguesa, respectivamente para Argentina e Brasil), o que refletiu na produção da imprensa francesa, bem menos numerosa. No entanto, em ambos os casos, o impacto da cultura francesa foi considerável em tudo o que era relativo à educação formal, o que inclui o mercado do livro e do impresso periódico.

Na Argentina, a participação de franceses no setor agrícola foi grande, mas no setor urbano também foi significativo, com profissionais qualificados como arquitetos, educadores, engenheiros, militares, artistas e jornalistas. Embora não fosse a primeira leva de franceses, os quais estavam presentes na região desde a época colonial de forma esparsa, um número bem mais significativo destes imigrantes foram atraídos pela experiência de cunho europeizante do ministro e depois presidente da jovem nação Bernardino Rivadavia. Foi nesse momento que a influência cultural francófona começou a crescer e que Jean Baptiste Lasserre (também



frequentemente referenciado como Juan Bautista), edita o primeiro jornal franco-argentino em 1826, *L'Écho Français*.

A segunda onda migratória se deu durante o conturbado período da independência uruguaia, com Fructuoso Rivera (1830-34) na presidência, quando franceses se instalaram na região do rio da Prata, constituindo o que se pode chamar de uma imprensa francófona rio-platense, época em que a colônia se constituiu como a segunda em importância numérica entre os estrangeiros. De fato, os anos posteriores atraíram franceses para a região, sobretudo aqueles proscritos de 1848, e já não se pode mais falar, daí em diante, de uma imprensa franco-argentina ou franco-uruguaia sem pensar na constituição de uma área cultural francesa na região rio-platense. Uma terceira leva migratória se concentrou nos anos de 1870, em consequência da Guerra Franco-Prussiana e seus desdobramentos, além do fluxo contínuo de imigrações individuais durante o século XIX (OJEDA, 2019). Em 1889, a entrada de franceses na Argentina atingiu seu ápice, com 80 mil pessoas (OTEÍZA GRUSS, 2019; 2012) e essa tendência só vai se arrefecer após a Primeira Guerra Mundial, quando a colônia estava reduzida a 3,5% dos imigrantes, gozando ainda, porém, de uma importante participação cultural nos meios intelectuais (SANCHÉZ, 2019, p. 21, nota 5).¹⁸

A imprensa na Argentina não começa senão em 1801 e no Uruguai, em 1807, seguindo claudicante nas décadas seguintes como expressão de órgãos oficiais com apoio do Estado (MOYANO, 2019). Portanto, o fato do francês Lasserre ter editado seu jornal entre junho de 1826 e abril de 1827 dá a medida da importância de iniciativa de tal modo pioneira no contexto do surgimento da imprensa na língua nacional, o espanhol. Julio Moyano (2019) alerta que Lasserre foi precedido por outros nomes franceses que atuaram no periodismo desde os tempos coloniais, caso de Jean Baptista Lasalle, ou simplesmente Juan Lasalle, súdito espanhol de origem francesa, que publicou um manuscrito em castelhano em 1764. Outros o sucederam, uma iniciativa bilíngue chegou a ser publicada *El Independiente del Sud* em 1818, mas todas

¹⁸ “Según los datos del Tercer Censo Nacional, realizado en junio de 1914, el grueso de la población extranjera radicada en Argentina se repartía entre las siguientes colectividades: italianos (40,6%), españoles (36,3%), rusos (4,1%), franceses (3,5%), sirio-libaneses (2,8%), austro-húngaros (1,7%), británicos (1,2%), alemanes (1,1%) y suizos (0,6%) (VÁZQUEZ-PRESEDO, 1971, p. 94). Por ese entonces, los franceses de la Argentina constituían la colonia francesa más importante de Latinoamérica. Aunque sus patrones de inserción urbana y rural no fueron muy diferentes del resto de los migrantes europeos que se establecieron en el país, desde el punto de vista social los franceses representaron un caso intermedio entre los grupos más populares, como los italianos y españoles, y los grupos de élite, como los británicos. No obstante, esa menor presencia numérica de los franceses contrasta con su vitalidad y visibilidad en otros planos como la creación de periódicos y asociaciones comunitarias. Otra de las peculiaridades de la colectividad francesa fue su mayor integración a la sociedad argentina impulsada por el alto porcentaje de matrimonios mixtos y la rápida adopción del idioma castellano, entre otros factores.” (SANCHÉZ, 2019, p. 21, nota 5).

elas efêmeras, o que só confirma o pioneirismo de Lasserre¹⁹. Como visto acima, o momento era favorável à cultura francesa, o que deve ter ajudado a impulsionar essa produção dado o prestígio da colônia entre os argentinos, o que certamente possibilitou que Lasserre continuasse a editar seus jornais como *L'Abeille* (1827), *Le Censeur* (1827-28) entre outros, incluindo publicações em espanhol e de cunho satírico, em que nem sempre sua autoria foi confirmada mas em que era possível reconhecer seu estilo e influência.

A imprensa satírica aqui deve ser tratada com destaque pois, neste período conturbado politicamente, essas pequenas folhas, em sua maioria anônimas, efêmeras e polêmicas, foram importantes meios de debate e protesto político. O fato de um francês já reconhecido no meio editorial do impresso periódico estar de algum modo envolvido com tais iniciativas, mostra o quanto se sobrepuseram interesses franceses com os locais. Vale lembrar que Lasserre era um dos militares franceses que lutaram nas disputas de então, como a guerra argentino-brasileira na região do Prata, tomando posição explícita no conflito.

Saídos de uma sólida formação cultural e técnica, e favorecidos pela predominância da França como padrão cultural, os franceses ali instalados estiveram entre os pioneiros na atividade periodista, se consolidaram no ramo no decorrer do século, já com iniciativas mais independentes e consolidadas, o que não impediu que se dedicassem, paralelamente, a outras áreas de atuação, como investimentos agrícolas, usando, inclusive, do prestígio adquirido como editores de periódicos.

Como também se nota em outros países das Américas, quase nunca esses imigrantes vêm com a intenção deliberada de publicar jornais ou revistas. Acabam se dedicando a tais atividades na falta de melhores oportunidades em outras áreas e lançam mão de seus conhecimentos técnicos em um país de fraca ou inexistente tradição periodista. No caso da Argentina, no fim do século XIX alguns nomes ganham em prestígio e se consolidam no mercado editorial com iniciativas empresariais bem estruturadas. No mesmo período,

¹⁹ “Sólo una breve y trágica experiencia, en marzo de 1818, se hace presente en un periódico bilingüe en francés y español *El Independiente del Sud*, que sólo duró dos números pues sus redactores – franceses – estaban dedicados a la intriga política de cauce directamente militar vinculada al general José Miguel Carrera, por lo que, apresados y acusados de conspirar contra Chile y las Provincias Unidas fueron condenados, y sus dos principales responsables, Carlos Robert y Juan Lagresse, pasados por las armas. Este periódico fue el primero en incorporar el bilingüismo periodístico en francés y español. Pero estos antecedentes fueron muy escuetos en su duración, cuando no trancos. La irrupción de Lasserre, en cambio, presenta tan sólo en sus primeros tres años de intervención en Buenos Aires, 120 números bilingües distribuidos en tres publicaciones consecutivas, y 29 en castellano, sumando los sucesivos ‘diablos’, cantidad muy prolífica en el marco del periodismo de esta época, razón por la cual puede considerárselo el pionero de la prensa en francés en el país.” (MOYANO, 2019).

paradoxalmente, conhecem o início do declínio de seu protagonismo na área, ao passo que italianos e espanhóis passam a predominar.

Em resumo, a presença de imigrantes francófonos na gênese da comunicação visual da imprensa é decisiva, muito acima de seu peso demográfico na população estrangeira em geral, integrando momentos-chave do surgimento da litografia no país, do auge do desenho e da gravura para a imprensa periódica industrial, e outras atividades afins, embora, paradoxalmente, ela dificilmente continue presente no apogeu da comunicação visual da imprensa no final do século XIX. (OJEDA, 2019)²⁰

Se até 1850 a produção era marcadamente dependente do Estado e das relações políticas, após esse período a profissionalização é notável, com maior autonomia e estrutura.

As gerações de imigrantes francófonos protagonistas desta última [fase] (...) tiveram condições muito melhores de autonomia, contratação e resultados econômicos, de modo que na década de 1860, empresas lideradas por eles como *El Mosquito*, *El Correo del Domingo* ou *Le Courier de la Plata* puderam manter-se nas redes autônomas da sociedade civil com resultados econômicos sustentáveis e sem assédio do Estado para sua circulação. (MOYANO, 2019).²¹

Uma cinquentena de títulos em francês foi publicada na Argentina, imprensa que angariou prestígio dentro e fora da colônia, atuando com transferências tecnológicas e culturais significativas até fins da Primeira Guerra, pelo menos. Destacam-se nesse panorama o *Courrier de la Plata*, o mais longo jornal franco-argentino, que foi publicado em Buenos Aires durante 81 anos ininterruptos, entre 1865-1946, distribuído regularmente também no Uruguai.

²⁰ “En síntesis, la presencia de inmigrantes de lengua francófona en la génesis de la comunicación visual de prensa es decisiva, muy por encima de su peso demográfico en el conjunto de la población extranjera, componiendo momentos clave del surgimiento de la litografía en el país, del auge del dibujo y el grabado para la prensa periódica industrializada, y otras actividades conexas, aunque, paradójicamente, apenas se hace presente en la etapa de mayor auge de la comunicación visual de prensa a fines del siglo XIX.” (OJEDA, 2019).

²¹ “Las generaciones de inmigrantes francófonos que protagonizan esta última (fase) (...) cuentan con condiciones mucho mejores de autonomía, de contratación y de resultados económicos, por lo que en la década de 1860, emprendimientos protagonizados por ellos como *El Mosquito*, *El Correo del Domingo* o *Le Courier de la Plata* pueden sostenerse en las redes autónomas de la sociedad civil con resultados económicos sostenibles y sin hostigamiento estatal para su circulación.” (MOYANO, 2019).

Em Montevideu, por sua vez, foram impressos alguns jornais em francês, com destaque para *Le Patriote Français* (1843-1850) cujo nome alude ao engajamento militar da comunidade francesa envolvida no conflito regional conhecido como a Grande Guerra (1839-51). Este jornal é exemplo das intensas transferências culturais com a França tanto no que diz respeito à matriz adotada, com o folhetim no rodapé, o que caracterizava a maior parte dos jornais francófonos publicados pelo mundo, como pela presença de um marcante imaginário francês que aparecia em seus folhetins literários, espécie de transfiguração épica em diálogo com acontecimentos e personagens do conflito no qual estava completamente envolvido.

(...) a publicação do *Patriote Français* de Montevideu está intimamente ligada a uma situação geopolítica muito precisa, ou seja, uma guerra em que parte da população uruguaia se aliou à parte da população argentina a qual, por sua vez, estava em guerra com outra aliança argentino-uruguaia. Este conflito regional foi acompanhado de muito perto pelo governo do Rio de Janeiro enquanto a diplomacia e o Exército francês, assim como o inglês, participaram muito ativamente nesta guerra onde se tratava especialmente da "liberdade de comércio", ou seja, a liberdade para os navios europeus circularem sem obstáculos ao longo de toda a bacia do Rio de la Plata. O porto de Montevideu, sitiado durante oito anos por um exército uruguaio e argentino, teve em sua defesa uma legião de voluntários italianos comandados por Giuseppe Garibaldi, uma legião de voluntários bascos e outra de voluntários franceses. O *Patriote Français* será o órgão de ligação desta última (...) (BOLÓN, 2019)²²

Outro título uruguaio condicionou sua existência às questões políticas rioplatenses, como *Le Messager Français* (1840-1842), do fourierista Eugène Tandonet, cuja divisa era “Melhoria social, sem revolução. Realização pacífica da Ordem, da Justiça e da Liberdade”²³,

²² “(...) la parution du *Patriote Français* montevidéen est étroitement liée à une situation géopolitique très précise, à savoir une guerre dans laquelle une partie de la population de l’Uruguay était alliée à une partie de la population de l’Argentine et en guerre contre une autre alliance argentine-uruguayenne. Ce conflit régional était suivi de très près par le gouvernement de Rio de Janeiro alors que la diplomatie et l’armée françaises, tout comme les anglais, participaient très activement dans cette guerre où il était surtout question de la « liberté de commerce », c’est-à-dire de la liberté pour les bateaux européens de circuler sans entraves tout au long et à travers du bassin du Rio de la Plata. Le port de Montevideo, assiégé huit ans durant par une armée uruguayenne et argentine, aura le soutien, pour sa défense, d’une légion de volontaires italiens commandée par Giuseppe Garibaldi, d’une légion de volontaires basques et d’une légion de volontaires français. Le *Patriote Français* sera l’organe de liaison de cette légion (...)” (BOLÓN, 2019).

²³ “Amélioration sociale, sans révolution. Réalisation pacifique de l’Ordre, de la Justice et de la Liberté”

e que encerrou publicação devido às tensões geradas por sua ligação com Juan Manuel de Rosas. Embora ainda pouco se conheça dessa imprensa uruguaia em particular, as perspectivas abertas por um projeto de investigação da imprensa alófona rio-platense são promissoras (BOLÓN, 2019).²⁴

Outro caso do qual se tem poucas pistas é o do Peru. Com uma imprensa em espanhol já existente em meados do século XVIII, como a *Gaceta de Lima* (1743-67), e relativamente numerosa a partir de sua independência em 1821, o país apresentou um corpus de periódicos em língua francesa muito modesto. A imigração francesa esparsa, quase insignificante, permite supor que este seja o motivo da escassez de jornais, revistas e almanaques franco-peruanos, a despeito da importância cultural e social que a França teve para o país. Livreiros, impressores, gravadores ou litógrafos franceses tiveram participação ativa na criação de um mercado editorial nacional, em particular no *métier* da imprensa (RIVIALE, 2012; 2019).

De acordo com este Pascal Riviale, há notícias da existência de cerca de uma dúzia destes jornais, porém poucos deles ainda acessíveis nos arquivos, dificultando um mapeamento de sua efetiva existência. O primeiro título provável foi *Le Corsaire de Lima* (1866), sendo sucedido por outros títulos como *Le Journal du Pérou* (1872), *L'Union Nationale, journal franco-péruvien* (1872) e *L'Étoile du Sud* (1874) ambos fundados pelo socialista Théodore Berr, entre outros de vida efêmera. Houve resistência das elites peruanas a certos títulos seja pelo anticlericalismo de algumas folhas, seja pela campanha republicana inspirada na Terceira República francesa, de modo que, a despeito da boa recepção geral à cultura e modos de sociabilidade franceses, nem sempre as relações entre os grupos engajados na publicação em francês no Peru e os grupos locais se deram de forma pacífica. A recepção não deve ser analisada, assim, como simples transposição de modelos menos ainda reduzida à categoria de influência, como se tem visto. E, corroborando argumentos acima expostos, se as transferências culturais não se deram sem atritos e recusas, tampouco é possível negar a hegemonia cultural francesa e a assimetria de muitas instâncias dessas trocas.

A AMÉRICA LUSÓFONA

No Brasil, a pesquisa sobre a imprensa franco-brasileira teve forte adesão de um grupo de pesquisadores que logo percebeu sua importância, mesmo que esta não tenha sido tão numerosa

²⁴ Ligada à rede Transfopress.

como foi o caso da imprensa italiana. Repetindo um padrão aqui já descrito para outros países latino-americanos, a despeito de sua pouca expressão numérica tanto da colônia, quanto das publicações em francês, a repercussão e prestígio dessa imprensa foi significativa entre os grupos de letrados de cidades como Rio de Janeiro do século XIX, que detinha a maior colônia de franceses do Império, ou São Paulo no início do século XX, que supera o então Distrito Federal em número de imigrantes.²⁵

O primeiro jornal franco-brasileiro e talvez o primeiro jornal em língua estrangeira publicado no Brasil, até onde se sabe²⁶, foi *L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire* publicado na Corte em 1827 pelo francês Pierre René François Plancher de la Noé. Bonapartista, Plancher buscou exílio no Brasil onde logo se engajou na atividade editorial, no ramo de livros e também de jornais. Após comprar o jornal *Estrela Brasileira – indépendance et vérité* (RJ, 1822-24), escrito em português pelo francês Jean Baptiste Aymé de Loy, altera o nome do periódico para *O Spectador Brasileiro* (RJ, 1824-27), já exercendo a função de tipógrafo e impressor-livreiro da sua Majestade Imperial. No mesmo ano de 1824, Pierre Plancher compra o *Diário Mercantil* (RJ, 1824-27) e muda o nome para *Jornal do Commercio* (1827-2016), um dos mais importantes jornais brasileiros do século XIX e um dos mais longevos da América Latina. Este jornal passa a ser editado por seu compatriota Junius Constance Villeneuve após 1830, quando Plancher volta para a França depois da queda de Carlos X e a ascensão de Luís Felipe.

Em 1827, Plancher começa a editar junto com M. Jourdan o pioneiro *L'Indépendant* na sua língua pátria, vendendo o hebdomadário para outro francês Émile Sève em junho deste mesmo ano. Este, por sua vez, muda a linha editorial bem como o nome do jornal, que passa a se intitular *L'Écho de l'Amérique du Sud* (RJ, 1827-1828) e se torna bi-hebdomadário, saindo às quartas e sábados. Devido às suas posições políticas, Sève abandona o projeto, deixando o *Écho* para Renér Ogier. Finalmente, Ogier muda o nome do jornal para *Le Courrier du Brésil – feuille politique, commercial et littéraire* (RJ, 1828-1830), que teve a cooperação de Henri Plasson no seu primeiro ano. René Ogier continua seu projeto até março de 1830 quando

²⁵ Trabalhos pioneiros como do bibliófilo Affonso Antonio de Freitas (1915), Gondin da Fonseca (1941) ou de Letícia Canelas (2009) têm sido aprofundados mais recentemente por Valéria dos Santos Guimarães, Tania Regina de Luca, Isabel Lustosa, Monica Pimenta Velloso, Priscila Gimenez, Yuri Cerqueira dos Anjos, Orna Levin, Lucia Granja entre outros no seio de um grupo mais amplo que pesquisa a imprensa alófona no quadro da rede de pesquisa Transfopress Brasil.

²⁶ Angelo Trento menciona a existência de um jornal mensal católico de 1765 editado no Rio de Janeiro pelos frades capuccinos italianos Giovan Francesco da Gubbio e Anselmo de Castelvetrano, *La Croce du Sud*, do qual não existem provas materiais e há poucos relatos (TRENTO, 2013). Porém, o próprio pesquisador admite ser manuscrito, o que não conta, portanto, para uma história da imprensa periódica.

rebatiza o jornal de *O Moderador – novo Correio do Brasil* (RJ, 04/1830-1831), inicialmente em edição bilíngue, depois só em português (LUSTOSA, 2015).

A “dança das cadeiras” entre os franceses que se dedicaram a editar, redigir, imprimir e distribuir jornais brasileiros e franco-brasileiros justifica o epíteto de “imprensa francesa”, como era conhecido esse conjunto de publicações periódicas na época, em que interesses políticos de matizes por vezes opostos apareciam ora em folhas escritas em português, ora em francês, ora bilíngues, deixando claro como o meio editorial brasileiro da imprensa periódica estava completamente inserido no espaço cultural francófono que se constituía à época e do qual o Brasil fez parte, inclusive em um momento definidor para sua identidade como nação. *L’Indépendant*, *L’Écho de l’Amérique du Sud* e *Le Courrier du Brésil* mantinham relações com a imprensa liberal da época por meio de seus editores e colaboradores (LUSTOSA, 2015) e a produção de uma *petite presse* francesa se manteve muito ligada à pauta da política nacional até meados do século XIX.

Não cabe aqui expor em detalhes a história da imprensa franco-brasileira desse período. O que deve ser retido para os fins deste artigo é o fato de que as transferências culturais se deram em muitos níveis, com a participação massiva de franceses no *métier* brasileiro da imprensa que se formava e se consolidava, como ocorrera em outras regiões das Américas cuja tradição do periodismo impresso inexistia. No caso brasileiro, essa relação é bem singular, pois parcela importante da imprensa nacional nasce sob os auspícios da atuação direta dos franceses, mesmo em títulos impressos em português, como visto acima.²⁷ As apropriações e adaptações para o contexto local levadas a cabo pelos mediadores culturais, os quais escreviam na língua de origem e, algumas vezes, em português, são claras quando se fala do conteúdo, a exemplo de temas que são tratados muitas vezes à luz das referências políticas francesas, tão presentes no mundo luso-brasileiro. No que diz respeito ao suporte, como era de se esperar, o periodismo parisiense serviu de modelo e matriz editorial, inclusive na adoção as técnicas, como se tem visto para outros casos das Américas. Mas, pelo menos no caso brasileiro, é sabido que muitas vezes essa imprensa não foi reconhecida como parte essencial da modernização no campo do periodismo por uma historiografia mais nacionalista.

O caso mais emblemático é, sem dúvida, o marco inicial da imprensa ilustrada no Brasil, em geral atribuído à revista de Manuel José de Araújo Porto-Alegre, *A Lanterna Mágica*

²⁷ Essa comparação se aplica a regiões da América que não foram colônias, como os países citados até aqui, o que exclui o Canadá, obviamente.



– *periódico plástico-philosophico* (RJ, 1844-45). Rafael Cardoso (2011, p. 20), porém, afirma que *L'Écho Français* (RJ, 1838-39) foi pioneiro na impressão de imagens no Brasil, usando a técnica de talho-doce. *L'Écho* foi editado por Villeneuve que além de editar o já citado *Jornal do Commercio*, também era conhecido pela sua revista ilustrada *Museu Universal* (RJ, 1837-1844), cujas imagens eram importadas. As primeiras imagens impressas no Brasil, assim, devem ser atribuídas ao tipógrafo C.H. Furcy, que comprara o *Écho* em 1839 e, no ano seguinte, passou a editar a *Revue Française* (RJ, 1839-1840), ao lado de seu filho.

L'Écho Français também foi o pioneiro na publicação do folhetim *Le Capitain Paul* de Alexandre Dumas, entre os dias 8 de setembro e 13 de outubro de 1838, ou seja, dezessete dias antes de aparecer traduzido para o português por Júlio César Muzzi no *Jornal do Commercio* que costuma ser visto como o marco desta publicação, que se estendeu entre 31 de outubro a 27 de novembro de 1838. Importante para a constituição do romantismo brasileiro, visto como exemplo da celeridade da travessia atlântica dos romances (apenas cinco meses depois do *Le Siècle* parisiense), foi publicado quase dois meses antes no *Écho*, referência que foi dada pelo próprio *Jornal do Commercio* mas negligenciada da crítica como alerta Priscila Gimenez que classifica *L'Écho Français* como uma espécie de laboratório de Villeneuve para a publicação de novos gêneros no Brasil (GIMENEZ, 2017, p. 79-80).

Assim como ocorrera em outros países da América Latina, a recepção da cultura francesa teve plena acolhida entre suas elites recém-saídas do regime colonial, além da forte presença dos ideais iluministas pelo menos desde a Inconfidência Mineira de fins do século XVIII. A particularidade de uma Independência que mantinha parte da Corte portuguesa instalada na jovem nação, com incentivo à vinda de franceses e à instalação de instituições de inspiração francófona como signo da boa formação, a exemplo da Missão artística francesa de 1816, corroborou para o status que a cultura hexagonal alcançou no país. Essa “colonização pelas ideias” (CARELLI, 1994) se desenvolve, portanto, ao lado de uma espécie de “colonização midiática” já referida aqui.

A partir do meio do século XIX, os progressos técnicos, a urbanização crescente da capital do Rio de Janeiro e a relativa estabilidade do Segundo Império propiciaram o surgimento de uma imprensa franco-brasileira mais profissional, noticiosa e com títulos mais longevos, em contraste com as publicações muito efêmeras e intrinsecamente ligadas ao acirrado debate político do Primeiro Reinado, o que se estende pelo período Regencial, com jornais e revistas em francês que não ultrapassavam os dois anos de vida. Os títulos se multiplicam a despeito da pequena imigração francesa o que leva a supor que o fato de o francês ter sido a língua franca

e diplomática talvez tenha ajudado sobremaneira para que houvesse um público mais amplo que aquele restrito às colônias, cujas associações estiveram ligadas diretamente à constituição do periodismo francófono.

Uma verdadeira “era de ouro” da imprensa franco-brasileira se desenha em um panorama em que a francofonia no ramo periódico era predominante, inclusive quanto aos periódicos importados de Paris. Estes alimentavam o imaginário nacional e eram muito numerosos, favorecidos, inclusive, por taxas postais e aduaneiras mais favoráveis que aquelas praticadas para outros países, inclusive Portugal (GUIMARÃES, 2019, p. 6). Tal integração ao espaço francófono provavelmente ajudou na boa recepção de órgãos publicados no Brasil, assim como na ascensão e prestígio dos franceses radicados no país, muitos fugindo da perseguição política, mas muitos outros apenas aventureiros atrás de melhores oportunidades de sobrevivência a despeito da modesta diáspora francesa se comparada aos grandes fluxos migratórios do século XIX.

São muitos os exemplos da formação de redes de sociabilidade entre franceses e brasileiros e a rua do Ouvidor continuava a ser um microcosmo dessa convivência, local que respondia pela predominância do comércio francês. Laurence Hallewell afirma que em 1862, “[...] de um total de 205 estabelecimentos, 93 pertenciam a franceses [...]” (HALLEWELL, 2015, p. 154). Não apenas na rua do Ouvidor, como em toda a região do entorno, estavam localizadas as mais importantes livrarias do país, muitas de propriedade de franceses, e também algumas redações de jornais publicados nessa língua, a exemplo do *Courrier du Brésil – politique - littérature - revue des théâtres - sciences et arts - industrie - commerce* (RJ, 1854-1862).

Este órgão foi um divisor de águas em relação à primeira fase e marcou a passagem para a “era de ouro” da imprensa franco-brasileira. Editado na Corte de D. Pedro II por um grupo de proscritos de 1848, era órgão de representação da Sociedade Francesa de Socorros Mútuos e se colocava em franca oposição à Sociedade Francesa de Beneficência, órgão que recebia suporte oficial do governo no Rio de Janeiro (CANELAS, 2009, p. 293). Seu corpo de colaboradores era formado pelo redator-chefe Adolphe Hubert e por alguns *quarente huitards* expurgados pela crescente reação conservadora no seio da Segunda República que culmina com o golpe de Luís Napoleão. Entre eles, um grupo que já vinha de outro exílio na ilha de Jersey, como o médico Gornet, o escritor e naturalista Charles Pinel (filho do célebre alienista Philippe Pinel) e o escritor e jornalista Charles Ribeyrolles que editara apenas um ano antes, em 1853, o jornal *L'Homme*, além de ter colaborado com o jornal parisiense *La Réforme* (CANELAS, 2009, p. 380).

296; FREDJ, 2016). Era muito próximo de Victor Hugo, de quem recebeu homenagem em sua morte em Niterói, Rio de Janeiro, e autor do livro *Brésil pittoresque* que vinha acompanhado do *Álbum de vistas, panoramas, paisagens, costumes, etc., etc.* de Victor Frond, outro proscrito, e que foi amplamente promovido pelo *Courrier*. Hugo enviava colaboração e autorizava a publicação de sua obra literária no jornal, fazendo coro às inclinações republicanas, democráticas e bastante radicais para o Império dos trópicos, o que comprova a tolerância do Imperador.

A relativa liberdade de imprensa, ao lado da modernização em decorrência da crescente exportação de café, incremento dos transportes e da área de comunicação, como a instalação das primeiras linhas telegráficas, concomitante a certa urbanização, estiveram entre os fatores favoráveis ao incremento geral da imprensa periódica nesse período, ambiente do qual os franceses instalados na Corte se beneficiavam.

Outros nomes vão aparecer nas suas colunas como Jacques Arago, Louis Couty e até uma mulher, o que era raríssimo no meio, Adèle Toussaint-Samson, e, embora fosse órgão de defesa de determinadas pautas políticas bem progressistas para o período, arregimentou apoio da dispersa comunidade francesa do Rio pela sua duração, compromisso com a comunidade, e regularidade, sendo publicação bem longeva para os padrões da época. (CANELAS, 2009, p. 297). Essa integração transnacional dos exilados franceses em decorrência do golpe de Luís Napoleão teve nos periódicos o espaço adequado para sua expressão.

Logo outros importantes jornais aparecem, a começar pelo concorrente *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* (RJ, 1859-1860), editado por um correspondente da *Revue de Races Latines*, Altève Aumont. Apesar da curta duração do jornal devido à morte precoce de Aumont, vítima da febre amarela com apenas 25 anos, ele foi importante por rivalizar com o grupo do *Courrier*, representando os valores da expansão imperialista francesa calcado na suposta “natural” latinidade dos brasileiros – uma lógica que se expandia para toda a América Latina, cujo nome suscita tais especulações. A princípio recebido com boas expectativas por seus compatriotas, logo a cordialidade cedeu espaço para acerbos diatribes expostas em detalhes nas páginas de ambos os periódicos e em outros órgãos da imprensa da época. Algumas edições do hebdomadário chegavam a 22 páginas, com uma extensa cobertura de assuntos locais e do estrangeiro. Com o desaparecimento de Aumont, o livreiro Baptiste Louis Garnier o substituiu como editor, o que talvez seja sua estreia no ramo editorial do periodismo (GUIMARÃES, 2017, p. 111).

Aumont também contava com colaboração de outros franceses radicados no Rio, a exemplo do famoso pintor e naturalista François-Auguste Biard que esteve no Brasil por dois anos, escreveu o polêmico livro *Deux années au Brésil* (1945, editado originalmente em 1862). Eles vieram juntos no navio Tyne e pela pena desse pintor sabemos um pouco sobre Aumont. De outro lado, Aumont abre espaço para o desafeto de Victor Hugo²⁸ publicar suas ainda inéditas *Impressions de Voyage* no *Écho* depois de tê-lo reencontrado por acaso e irreconhecível, barbudo e queimado de sol, na Rua do Ouvidor, na volta de suas aventuras pelo Espírito Santo, em 1859. Os textos apareciam em forma de cartas endereçadas a Aumont na seção *Variétés Brésiliennes* neste mesmo ano e no seguinte, quando ele ainda publicou uma carta do amigo que partiu para a Amazônia. De Belém, Biard enviou notícias sobre a doença que lhe acometeu, provavelmente malária, lista os estados por que passou antes de chegar no Pará (Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão), e conta sobre seus planos de voltar para a França, passando antes nos Estados Unidos para conhecer as cataratas do Niágara.

As polêmicas com franceses do *Courrier* e com a imprensa local continuaram até os últimos dias de Aumont, que na seção *Chronique de Rio de Janeiro*, publicada no *Écho* de primeiro de janeiro de 1860, trata do tema de maneira bem-humorada. Depois de desejar bom Ano Novo aos assinantes, diz que eles teriam direito a tudo, inclusive de “Afirmar que o editor é vendido ao governo de Napoleão III –, se você for republicano; Ou de considerá-lo demasiado liberal –, se você é um Bonapartista”²⁹. Aumont tinha uma rede de colaboradores na América Latina, provavelmente devido aos contatos decorrentes da *Revue de Races Latines*, e ainda editava uma folha satírica, *Figaro Chroniqueur* (RJ, 1859), onde o tom que adotava era de desbragada crítica política, disfarçada de crônica teatral (GUIMARÃES, 2017, p. 114).

O que se vê nos dois exemplos acima que marcam o início da era de ouro da imprensa franco-brasileira são conexões culturais que se dão em vários níveis, seja na formação de redes internacionais de mediadores que incluem não só Brasil e França, mas outros países como Inglaterra, Argentina ou Uruguai por meio de correspondentes, por exemplo. Tem-se uma intensa circulação dos suportes em si (com a venda de jornais para assinantes em todo o país e

²⁸ A esposa de Biard, Léonie d’Aunet, o traiu com Victor Hugo em um caso que tomou os jornais parisienses em 1844. O escândalo acabou na prisão de d’Aunet e em sua internação em um convento na sequência, com a perda da guarda dos filhos. Consta que, com a carreira em declínio e em meio a desgostos na vida pessoal, o pintor sai em viagem em roteiro que incluiu o Brasil.

²⁹ « prétendre que le rédacteur est vendu au gouvernement de Napoléon III –, si vous êtes républicain ; De le trouver trop libéral –, si vous êtes bonnapartiste » (*L’Écho du Brésil et de L’Amérique du Sud*, 1/1/1860).

fora dele) e das ideias e conteúdo que são difundidas nesse espaço cultural francófono e são redimensionados no contexto de recepção.

As rivalidades entre os grupos do *Courrier* e do *Écho*, cuja origem remete ao contexto político e social francês, marcam também os conflitos locais, pautam o debate interno, extrapolam as páginas desses jornais e ganham a opinião pública de então. Impressões sobre o Brasil emitidas por homens como Biard, cujas representações dos brasileiros foram recebidas com muita polêmica, ou Louis Couty, que participou ativamente dos debates sobre a abolição da escravidão e posteriormente ficou famoso pela frase “O Brasil não tem povo”, tiveram impacto direto no debate intelectual nacional à época e por muitos anos depois. Algumas das discussões, como a defesa do branqueamento da população e as contendas acerca da identidade brasileira, são exemplos de como essa imprensa não pode ser vista apenas como expressão de um grupo de imigrantes e muito menos tratada como isolada de seu contexto de acolhida.

Muitos outros importantes jornais e revistas em francês foram publicados no Brasil e sua tipologia é variada: jornais de pauta mais geral, que incluía o noticiário internacional e local, a cobertura de assuntos políticos, econômicos, culturais e de entretenimento (*Messenger du Brésil*, RJ, 1878-1884; *Le Brésil Républicain*, RJ, 1890-1897; *Revue Franco-Brésilienne*, RJ, 1909-1922; *Messenger de St. Paul*, SP, 1901-24 etc.) ao lado daqueles que apresentavam uma proposta mais segmentada e específica, como jornais e revistas comerciais e financeiras (*Étoile du Sud*, RJ, 1885-1924; *La Petite Revue*, SP, 1902), satíricos (*Le Figaro Chroniqueur*, RJ, 1859; *Le Gil Blas*, RJ, 1877-78; *Ba-ta-clan*, RJ, 1867-71), literários, socialistas e outros que eram editados especialmente para distribuição em pacotes ou destinados ao leitor no exterior com o objetivo de “mettre le Brésil en relation avec l'Europe” (colocar o Brasil em relação com a Europa), ou seja, servir de órgão a fim de estabelecer contatos comerciais e diplomáticos com estrangeiros e seus governos fora do Brasil tais como as parisienses *Le Brésil – courrier de l'Amérique du Sud* (1881), a *Revue du Brésil* (1896-1900) de Alexandre D'Atri, que muda o nome para *Revue du Brésil et d'Amérique latine* (1900) mas não sobrevive, o *Courrier du Brésil - Politique, littéraire, financier, économique* (1906-1914), *L'État de São-Paulo illustré - Revue mensuelle d'économie, finances, agriculture, industries, commerce, politique, arts, littérature* (1912-1913), *Gazette du Brésil* (1926) ou a *Revue financière Franco-Américaine* (1907-1908) em sua maioria, como se deduz pelos títulos, publicações interessadas em difundir uma representação positiva do Brasil no exterior a fim de atrair investimentos, exceção honrosa feita à satírica *L'Artistic-Brazil* (1897-1898) que traçava um retrato irônico e ácido de como os brasileiros radicados em Paris eram vistos pelos brasileiros. Fora do circuito parisiense tem-se ainda a

Jangada | ano 9, nr. 17, jan/jun, 2021 | ISSN 2317-4722

France et Brésil (1904-1910), de Charles Hu, impressa em Bordeaux em decorrência dos fluxos migratórios massivos dessa região para o Brasil que obteve grande prestígio e repercussão fora e dentro do Brasil, segundo Ana Luiza Martins (2001, p. 91).

Embora não sejam publicações francófonas no Brasil (ou seja, nas Américas, foco desse texto), parte dessa produção publicada na França em francês, em português, espanhol e italiano (caso da *Revue du Brésil* de Alexandre D'Atri, que apresentava edições trilíngues) tinha o Brasil como tema e estabelecia uma conexão que invertia o polo tradicional de emissão de informação midiática. O circuito francófono que se projetava tradicionalmente da Europa para as colônias políticas (Canadá e partes dos Estados Unidos e Caribe, sem contar a Guiana Francesa, caso não explorado aqui por desconhecimento de trabalhos sobre o tema) ou culturais, caso dos demais países citados, completava-se, assim, em um movimento de *aller-retour* em que a circulação de suportes, conteúdos e pessoas levava representações, positivas ou negativas, sobre o Brasil para o outro-Atlântico inclusive na própria língua da sociedade de acolhida.

Voltando à imprensa franco-brasileira sediada no Brasil, o ciclo da “era de ouro” se encerra em São Paulo, capital do Estado que ascende como potência econômica e que passa a ter uma significativa colônia francesa justificando a publicação de 11 periódicos entre 1887 e 1924, contra 45 do Rio publicadas entre 1827 e 1922 (das que conseguimos identificar). Algumas folhas efêmeras surgiram na capital do café, mas a mais importante e única realmente longeva foi o *Messenger de St. Paul*, editado entre 1901 e 1924, por Eugène Hollender, um judeu francês da região de Dunquerque que, depois de tentar a vida no interior do Estado, abre seu jornal e exerce paralelamente a função de tradutor juramentado em diversas línguas. Era bem relacionado com a elite republicana local e a redação de seu jornal acaba sendo vítima, provavelmente, de empastelamento na Revolução de 1924 devido a seu aberto apoio político ao governo paulista.

Depois dele, poucos periódicos franceses foram publicados no Brasil, quase todos no Rio, cidade que alojou durante os dois séculos a maioria da colônia. Entre os mais importantes estão a *Revue Française du Brésil* (RJ, 1923-39), cuja primeira fase ainda mantinha ligações com o grupo da “era de ouro”, mas que logo abandona os aspectos mais modestos e quase artesanais para se tornar um órgão de estrutura profissional com aportes financeiros da Aliança Francesa do Rio de Janeiro e de uma extensa cartela de anunciantes. Fechada por ocasião da proibição de publicações em língua estrangeira pelo governo de Getúlio Vargas, em 1939, alojou parte da geração saída das hostes conservadoras do modernismo, como Alceu Amoroso Lima (GUIMARÃES, no prelo). Sua reedição aparece anos mais tarde, já no período

democrático em 1951, com o mesmo editor Anníbal Falcão e o apoio da Aliança, adotando o novo título de *Journal Français du Brésil* que deve ter se encerrado, provavelmente, em 1957. Essa última fase, portanto, não pode ser incluída na era de ouro tanto pelo número reduzido de títulos quanto pelo fato de já não ser a expressão da colônia estritamente falando, mas incluir um vasto número de brasileiros, ainda que alguns deles fossem descendentes das primeiras gerações de imigrantes. As levas migratórias também obedeceram à lógica da modesta diáspora francesa e é natural que elas diminuíssem em contexto no qual essa imigração é insignificante, como o foi no avançar do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lado da investigação que pretende mapear a imprensa periódica francófona publicada nas Américas, localizando-a e descrevendo-a, está a preocupação de melhor conhecer as redes de pessoas ali envolvidas, os mediadores culturais, agentes que tornaram essas transposições possíveis. Lembrando que, se ainda há um longo caminho a percorrer, muitos desses nomes já haviam sido retirados do anonimato no quadro dos estudos migratórios. Mas a perspectiva que se abre é outra, com a busca dessa espécie de cartografia em diversos níveis de escala das redes culturais ou seja, localizando no nível macroscópico quais são essas obras ou mesmo gêneros que circularam de um país a outro; no nível médio quais foram os atores envolvidos, seus interesses econômicos, diplomáticos ou culturais; e, no nível microscópico, promover a análise dos textos em si, no sentido semiótico do termo, com o estudo das representações e imaginários culturais e das consequências dessa difusão no âmbito da recepção (LUSEBRINK, 2019).

O conceito de “transferências culturais” se mostra novamente, aqui, operacional não apenas em termos epistemológicos, com a discussão sobre as implicações teóricas dos deslocamentos de mercadorias, pessoas e ideias, mas, sobretudo, metodológicos. No caso específico da pesquisa sobre imprensa alófono e, mais precisamente, da francófona, a maior contribuição desse tipo de abordagem talvez seja enfatizar a reflexão sobre áreas culturais que compreendem áreas geográficas e linguísticas diferentes sob o mesmo imaginário por meio de textos e autores, referências e notícias.

Assim, estudar a imprensa francófona nas Américas passa por essa noção de um sistema mais ou menos coeso, sem que se esqueça a interação dos fluxos transnacionais com contextos e culturas nacionais/locais. Nesse sentido, um fato notável é a existência de jornais e revistas francófonas que têm o mesmo título sendo publicados em todos estes países, mesmo

não pertencendo a uma mesma iniciativa ou grupo empresarial: são comuns as *gazettes*, *courriers*, *messagers*, *estafettes*, *trait d'unions*, *échos*, *étoiles du sud* ou outros títulos mais específicos e ligados a uma tradição satírica que aparecem em mais de um país, como *corsaires* e *figaros*, espalhados pelo mundo com matrizes e propostas editoriais similares.

A noção de “modelização”, que consiste em colocar esse corpus em relação ao “todo ao qual pertencem, e dentro do qual tomam forma e adquirem seu significado, adaptando maneiras de fazer as coisas ou mesmo fundando novos modelos jornalísticos”³⁰ (PINSON, 2016, p. 134) ou a noção de “ambiguidade”, que adoto, e que descreve a instabilidade das trocas em um circuito integrado de informação mais sincrônico do que se supunha, são igualmente úteis para se pensar o fenômeno. Também se pode afirmar que a França se tornou um “elemento constitutivo da vida intelectual” dessas nações nas Américas, tal qual foi o papel da Alemanha para a França, segundo Michel Espagne (2017, p. 137).

E por último, mas não menos importante, é preciso dizer que uma determinada “área cultural”, como a francófona, por exemplo, também está sujeita à permeabilidade dos demais sistemas midiáticos tais como o anglófono, o lusófono, o hispanófono etc., a depender das interações empíricas. E, para isso, é preciso colocar em marcha esse esforço coletivo em busca do conhecimento sistemático do corpus em cada local de publicação, destacando não apenas o que têm em comum, mas, sobretudo, o que os faz singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas* – reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. SP: Cia. das Letras, 2008.
- BIARD, F. A. *Dois anos no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1945. p. 11 e p. 28-30. (Coleção Brasileira – Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5, v. 244)
- BISSELL, Clifford H. The French language press in California. In: *California Historical Society Quarterly*, v. 39, n. 1, mars 1960, p. 1-18; n. 2, v. 39, juin 1960, p. 141-173; n. 3, v. 39, septembre 1960, p. 219-262; n.4, v. 39, décembre 1960, p. 311-353.
- BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 145, décembre 2002. La circulation internationale des idées. pp. 3-8.
- BURKE, Peter & PO-CHIA HSIA, R. (orgs.), *A tradução cultural nos primórdios da Europa*, São Paulo: Editora Unesp, 2009.

³⁰ “l’ensemble auquel elles appartiennent, et au sein duquel elles prennent formes et acquièrent leurs sens, adaptent des manières de faire ou même fondent de nouveaux modèles journalistiques” (PINSON, 2016, p. 134).



- CALVO, Thomas. René Masson dans le Trait d'Union: Journal français universel. Mexico: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, 1998. (e-book 2013) - <https://www.amazon.com/René-Masson-dans-Trait-dUnion-ebook/dp/B00STPZMSS?asin=B00STPZMSS&revisionId=ec21284d&format=1&depth=1>
- CANELAS, Letícia G. O *Courrier du Brésil* e o conflito entre associações francesas no Rio de Janeiro XIX in VIDAL, L. e LUCA, T. R. (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*. SP: Ed. UNESP, 2009, p. 289-318.
- CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado in KNAUSS, P.; MALTA, M; OLIVEIRA, C.; VELLOSO, M. P. In: *Revistas Ilustradas – modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: MAUAD/FAPERJ, 2011.
- CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX in GUIMARÃES, Valéria (dir.). In: *Transferências Culturais - o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Trad. Katia Aily Franco de Camargo. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Edusp, 2012.
- CARELLI, Mário. *Culturas cruzadas – intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papyrus, 1994.
- COMPAGNON, Olivier. “L’Euro-Amérique en question”. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2009.
- COVO-MAURICE, J. Un grand journaliste français au Mexique au XIX^e siècle : René Masson et *Le Trait d’Union*. *Caravelle*. In : *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 78, p. 106, 2002.
- COOPER-RICHET, Diana. La presse francophone dans les Amériques au XIX^e siècle : état des travaux, premières considérations. In : *História* (São Paulo), v. 38, 2019.
- ESPAGNE, Michel. A noção de transferência cultural. In: *Revista Jangada*, n 9, jan-jun, pp. 136-147, 2017, disponível em <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/60/70>
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999, col. Perspectives Germaniques.
- ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. In: *Livro - Revista do NELE*, São Paulo: Ateliê Editorial, n, 2, 2012, trad. Valéria Guimarães.
- ESPAGNE, Michel; WERNER Michael (dir.). *Transferts. Les relations franco-allemandes dans l’espace franco-allemand*. Paris: Éditions Recherche sur les civilisations, 1988.
- FONSECA, Gondin da. *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*. RJ: Livraria Quaresma, 1941.
- FREDJ, Mariem. L’Homme – journal de la démocratie universelle: um jornal francófono sem fronteiras publicado em Jersey. In: *Revista Escritos*, FCRB, n. 10, v. 10, 2016.
- FREITAS, Affonso Antonio de. *A Imprensa Periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1915.
- GIMENEZ, Priscila. As *Variétés* e a literatura nos jornais franceses do Rio de Janeiro nos anos de 1830 in LUCA, T. R.; GUIMARÃES, V. In: *Imprensa estrangeira no Brasil – primeiras incursões*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017, p. 52-86.

- GÓMEZ, Arnulfo Uriel de Santiago; SÁNCHEZ, Lilia Vieyra; BATISTA, Alejandra Vigil. México: uma tipologia da imprensa de imigração alemã, francesa e norte-americana no século XIX. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 149-164, 2016.
- GÓMEZ, Arnulfo Uriel de Santiago. La presse francophone au Mexique : signes de globalisation. In : *História* (São Paulo) v.38, 2019.
- GUIMARÃES, Valéria. Du paquebot au télégraphe: la presse populaire étrangère au Brésil au tournant du XX^e siècle. In: Diana Cooper-Richet; Jean-Yves Mollier. (Org.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie, un des fondaments de la mondialisation culturelle (France, Portugal, Brésil, XVIII^e - XX^e Siècle)*. Campinas: Publiel, 2012, p. 149-162.
- GUIMARÃES, Valéria (dir.). *Les Transferts Culturels : l'exemple de la presse en France et au Brésil*. Paris: l'Harmattan, 2011.
- _____. *Transferências Culturais - o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Trad. Katia Aily Franco de Camargo. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Edusp, 2012.
- GUIMARÃES, Valéria dos Santos. A imprensa francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. In: *História* (São Paulo) v. 38, 2019, disponível em <https://www.scielo.br/j/his/a/QqdTvKQ5NQXj3WkMK9vP8Qm/?format=pdf&lang=pt>
- _____. Imprensa franco-brasileira e redes intelectuais no entreguerras: o caso da *Revue Française du Brésil* (RJ, 1932-39). In: BIONDI, L.; LUCHESE, T.; GUIMARÃES, V. S. *Mediações transnacionais e imprensa estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, no prelo, previsão 1^o trimestre de 2022.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.
- LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. Les transferts culturels: théorie, méthodes d'approche in GIN, Pascal , GOYER, Nicolas et MOSER, Walter (dir.) *Transfert - exploration d'un champ conceptuel*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa | University of Ottawa Press, 2014.
- _____. Les almanachs francophones dans les Amériques : transferts, structures, évolutions. In : *História* (São Paulo) v. 38, 2019.
- LÜSEBRINK, Hans-Jürgen ; JØRGENSEN, Steen Bille. *Cultural Transfer Reconsidered - Transnational Perspectives, Translation Processes, Scandinavian and Postcolonial Challenges*. Leiden; Boston: Brill Rodopi, 2021. Series: Approaches to translation studies, vol. 47.
- LUSTOSA, Isabel. Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil. In: *Escritos*, Ano 9, n. 9, 2015.
- MIALHE, J. L. A emigração francesa para o Brasil pelo porto de Bordeaux: séculos XIX e XX. In: VIDAL, L.; LUCA, T. R. (Org.). *Franceses no Brasil: séculos XIX e XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Por amor à arte*. Caminhos da Crítica • In: *Estudos*, v. 19 (55), Dez 2005.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – imprensa e práticas em tempos de República* (São Paulo, 1890-1922). São Paulo: Edusp, 2001.
- MARTEL, Marcel. *Le Canada français se découvre: formulation d'un projet de société (1867-1937)*. University of Ottawa Press: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1997.



- MOYANO, Julio. Juan Lasserre: inmigrante francés y periodista rioplatense (1826-1850). *História* (São Paulo), 2019, v. 38.
- NITRINI, Sandra. O comparatismo franco-brasileiro sob o signo da antropofagia, da transculturação e da transferência cultural. In: *Ponto-e-vírgula*, v. 13, p. 38-48, 2013.
- _____. Um olhar sobre a literatura comparada no Brasil. In: *Cadernos do IEB 10*. São Paulo: IEB/USP; ABRALIC, 2018.
- OJEDA, Alejandra Viviana. Inmigrantes francófonos en los orígenes de la comunicación visual en la prensa periódica argentina (1827-1870). In: *História* (São Paulo), 2019, v. 38.
- OTEÍZA GRUSS, Viviane I. La presse française en Argentine. In : *História* (São Paulo), 2019, v. 38.
- OTEÍZA GRUSS, Viviane I. *Courrier de La Plata – um diário republicano francês en el Rio de la Plata*. Madrid: Editorial Académica Española, 2012.
- OTEÍZA GRUSS, Viviane I. *Le Courrier de La Plata. Diario de la colectividad francesa rioplatense*. In: *Revista Temas de Historia Argentina y Americana*, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina, Buenos Aires, 2006.
- PINETTE, Susan, "Un « étonnant mutisme » : l'invisibilité des Franco-américains aux Etats-Unis". *Franco-American Centre Franco-Américain Faculty Scholarship*, 2017. (https://digitalcommons.library.umaine.edu/francoamericain_facpub/1).
- PINSON, Guillaume. *La culture médiatique francophone en Europe et en Amérique du Nord – de 1760 à la veille de la Seconde Guerre mondiale*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2016.
- RIVIALE, Pascal. La presse francophone au Pérou: une histoire en pontillé. In : *História* (São Paulo) v.38, 2019.
- ROSS, J., JAUMONT, F. Les communautés francophones aux Etats-Unis. In : *Revue Québec Français*, 2014 (http://www.langue-francaise.org/Bruxelles/annonce_2013_07_ross_jeaumont_2.pdf)
- ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina: cultura, política e identidade*. Trad. René Loncan. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- KALIFA, D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTHY, M.-È.; VAILLANT, A. *La civilisation du journal – histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011.
- SANCHÉZ, Emiliano Gastón. Entre la neutralidad y el compromiso patriótico: los escritos de Paul Groussac em Le Courrier de la Plata durante la Gran Guerra. In : *História* (São Paulo) v.38, 2019.
- TAKAI, Yukari. Canadians (French) and French-Canadian Americans, 1870–1940. In: *Immigrants in American History: Arrival, Adaptation, and Integration*, California: ABC-CLIO, 2013. p. 257-268.
- TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil – séculos XIX e XX*. São Carlos: EdUFSCar, 2013.